

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

ABC



 **Atena** Editora

Ano 2018

IVAN VALE DE SOUSA

(Organizador)

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 5.198 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-12-3 DOI 10.22533/at.ed.123181308 1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A identidade de um livro simboliza todos os pensamentos e discussões que se pretendem divulgar aos leitores. Quando escrevemos um texto, de certa forma, os nossos interlocutores nos auxiliam na maneira como as ideias serão organizadas na textualidade dos enunciados e nas finalidades que almejamos atingir.

Se nos convencêssemos de que todo plano textual está inserido nas finalidades de informar, formar, convencer e esclarecer algo aos nossos enunciatários, certamente a forma como enxergaríamos o texto e seus elementos constituintes seria ampliada na diversidade que a língua se realiza nos contextos sociais, pois, de certo modo, escrevemos sempre com objeções considerando um contexto e os saberes do nosso interlocutor.

Necessário sempre será discutir o discutível, refazer o que carece de ser refeito, sobretudo no contexto de produção do conhecimento, já que todo processo de aquisição do saber parte de uma das mais importantes e significativas funções da língua que é comunicação entre os sujeitos. Sempre comunicamos por meio do texto algo a alguém e às suas funções que necessitam ser clarificadas nos atos de dizer e produzir.

As comportas do conhecimento abertas pelas reflexões deste livro se revelam aos diferentes leitores, coadunando-se com a plenitude de como a linguagem assume seu único e verdadeiro objeto de interação entre os sujeitos. Comunicamos porque somos partes do ato comunicativo e com essa convicção é que comunicar representa nossos anseios, bem como os esforços de pesquisadores e estudiosos que apresentam e, ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de democratização das questões referentes à linguagem com as metodologias e os planos culturais e de identidades nos usos da língua.

Para legitimar a relevância das discussões reveladas em cada texto presente neste livro, a constituição de um mosaico textual de ideais e concepções são apresentadas por seus autores que propõem socializar os diferentes discursos capazes de sustentar as construções feitas em torno do ensino de Língua Materna, embora os estudos apresentados no referido livro não tenham unicamente a discussão que reverbera o trabalho com processo de ensino e aprendizagem da língua no seu contexto de autonomia e competências, mas da compreensão de que a língua se adequa aos meios sociais e às manifestações culturais.

A legitimidade com que os pesquisadores debruçam suas investigações na produção de cada capítulo justifica-se na plenitude diversa como a língua se expande nos diversos contextos de realização. E na função de perceber que sempre há outras formas de refazer o próprio discurso à luz da diversidade com que a linguagem é que se produz em uma corrente processual e metastásica em que os leitores encontrarão trabalhos referentes ao estudo da palavra, ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, ao processo analítico de obras e textos literários, aos discursos formulados no imaginário cultural e às reflexões metodológicas de trabalho no contexto

escolar.

O todo deste livro se assemelha à construção de um grande quebra-cabeça em que só tem sentido quando são juntadas todas as suas peças na formulação do plano reflexivo capaz de constituir a relevância desta obra. São, pois, ao todo, dezoito trabalhos que transitam entre os contextos da linguagem, da linguística e das intervenções que estruturam o ensino de língua portuguesa e língua estrangeira nos mais variados contextos de aquisição. Sendo assim, uma síntese de cada texto com as marcas de seus autores pode ser revelada a seguir.

O primeiro capítulo, o pesquisador Ivan Vale de Sousa propõe algumas discussões que aproximam o trabalho com a utilização da pesquisa-ação aos procedimentos da sequência didática, que segundo ele são metodologias interacionistas no ensino da linguagem em que, ao mesmo tempo, rediscute como as implicações pedagógicas são capazes de aproximar os sujeitos *professor* e *aluno* da situação comunicativa com o desvelamento de três modelos de sequência didática elaborados à luz dos objetos didáticos no processo de didatização das práticas de linguagem.

As questões discutidas no segundo capítulo são de autorias de Genilda Alves Nascimento Melo, Andreia Quinto dos Santos e Célia Jesus dos Santos Silva, que rediscutem a necessidade do currículo à luz da docência como propostas de pertencimentos, servindo como requisitos fundamentais para o ensino de Língua Materna. No terceiro capítulo, as mesmas autoras com ordem diferente de apresentação das identidades, Célia Jesus dos Santos Silva, Genilda Nascimento Melo e Andreia Quinto dos Santos trazem à discussão o ensino de leitura e da função do suporte livro didático na instituição escolar de educação básica aproximando as reflexões.

Dóris Regina Mieth Dal Magro, no quarto capítulo, revisita as habilidades de leitura e escrita como eixos norteadores para o desenvolvimento do trabalho docente na disciplina de língua portuguesa à luz dos gêneros discursivos como alternativas eficazes na promoção do letramento e na autoria dos estudantes. O quinto capítulo, Nayara da Silva Camargo e Nilson Santos Trindade destacam os aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna, especificamente no que se refere às relações pronominais focalizando ao leitor a compreensão desse processo.

No sexto capítulo, Luiz Antonio de Sousa Netto, Rafaela Cunha Costa e Stella Telles estudam a palavra fonológica na língua polissintética Latundê lançando luzes a algumas teorias apresentadas por estudiosos e ancoradas na concepção interacionista da linguagem. O sétimo capítulo, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva e Regina Célia Ramos de Almeida apresentam as marcas de oralidade na escrita compreendendo os processos de monotongação e apagamento do [R] final, no contexto de aplicabilidade e intervenção com alunos do ensino médio.

Thays Trindade Maier, no oitavo capítulo, apresenta um relato de experiências com atividades de leitura da literatura infantil, com a finalidade de despertar e promover a competência leitora no ambiente escolar. No nono capítulo, as autoras Katharyni Martins Pontes, Thaís Pereira Romano e Rita de Nazareth Souza Bentes apresentam o

letramento literário como instrumentalização no ensino de alunos surdos e rediscutem a relevância da acessibilidade do aluno surdo ao contexto literário.

No décimo capítulo, Myriam Crestian Cunha e Walkyria Magno e Silva partem do desenvolvimento disciplinar, refletindo os impactos na formação inicial do professor, além de discutir as estratégias metacognitivas na análise de novas propostas metodológicas no aprendizado de línguas estrangeiras. As reflexões que enfocam o décimo primeiro capítulo, Adriane do Socorro Miranda e Polyana Cunha Campos relatam as contribuições do Projeto Pibid no processo de formação inicial de professores de português como Língua Materna, em que os sujeitos participantes emitem suas convicções na função de bolsistas.

No décimo segundo capítulo, Larissa Rizzon da Silva revela como os fatores socioculturais e identitários são relevantes no processo de reabilitação do afásico, em que as discussões se concentram no contexto de socialização do sujeito com a linguagem. O décimo terceiro capítulo, a simbiose do bumba-meu-boi do Maranhão é tematizada nas reflexões de Joaquim de Oliveira Gomes sob a ótica do discurso e da sustentabilidade em que são propostas as aproximações entre a análise dos discursos à luz das toadas com as questões de sustentabilidade capazes de perpetuar a relevância da manifestação.

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset, no décimo quarto capítulo, investiga as (des)construções do imaginário de ensino de língua portuguesa na formação superior da graduação em Direito lançando luzes para as vertentes e os saberes linguísticos na concepção da análise do discurso (AD). O décimo quinto capítulo, autoria de Katia Cristina Schuhmann Zilio, os sentidos digitais são discutidos como aproximações do uso da tecnologia na educação propondo questões que são respondidas ao longo das reflexões inseridas no texto.

No décimo sexto capítulo, Priscila Ferreira Bentes passeia entre as páginas da narrativa tecida pelo escritor Benedicto Monteiro, descrevendo o movimento de religiosidade no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, além disso, a autora do capítulo aproxima as discussões entre literatura e antropologia com toda a riqueza literária presente na obra utilizada como *corpus* de análise. No décimo sétimo capítulo, Margarida da Silveira Corsi e Gilmei Francisco Fleck analisam a dialogia romanesca atentando-se para as releituras do perfil de uma cortesã, esclarecendo que a imbricação das análises culmina para a estruturação do cordel como uma das marcas da brasilidade.

Edvaldo Santos Pereira e Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões, no décimo oitavo e último capítulo, revelam a urbanidade poética como fonte de inspiração e análise, em parte, do poema *Belém e seu poema*, de Bruno Menezes e readmitem que as imagens criadas no gênero literário partem dos múltiplos olhares do cotidiano.

Ao apresentar aos leitores uma síntese do que pode ser encontrado em cada trabalho que compõe este livro, esperamos que as reflexões contribuam com o processo de ampliação do letramento literário, da metodologia de investigação com a linguagem, lance luzes a outros questionamentos e flexibilize a forma de pensar o

ensino de Língua Materna em uma construção de continuidade. Além disso, sabemos ainda que as discussões, doravante, demonstradas podem, de certa forma, ampliarem-se nos mais diversos contextos de aprendizagem em que o leitor transite o caminho também de produtor de outros discursos.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
METODOLOGIAS INTERACIONISTAS EM QUESTÃO: PESQUISA-AÇÃO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DA LINGUAGEM	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
CAPÍTULO 2	13
'DOCÊNCIA: CURRÍCULO E PERTENCIMENTO – REQUISITOS BÁSICOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos Célia dos Santos Silva</i>	
CAPÍTULO 3	28
O ENSINO DA LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Célia Jesus dos Santos Silva</i>	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos</i>	
CAPÍTULO 4	44
LEITURA, ESCRITA E A MEDIAÇÃO DOCENTE NA CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DOS ESTUDANTES	
<i>Dóris Regina Mieth Dal Magro</i>	
CAPÍTULO 5	56
ASPECTO MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA TAPAYUNA (JÊ): ELEMENTOS PRONOMINAIS	
<i>Nayara da Silva Camargo</i>	
<i>Nilson Santos Trindade</i>	
CAPÍTULO 6	75
ESTUDOS SOBRE A PALAVRA FONOLÓGICA NA LÍNGUA POLISSINTÉTICA LATUNDÊ (NAMBIKWÁRA DO NORTE)	
<i>Luiz Antonio de Sousa Netto</i>	
<i>Rafaela Cunha Costa</i>	
<i>Stella Telles</i>	
CAPÍTULO 7	85
MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE MONOTONGAÇÃO E APAGAMENTO DO [R] NO ENSINO MÉDIO	
<i>Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva</i>	
<i>Regina Célia Ramos de Almeida</i>	
CAPÍTULO 8	104
RELATO DE EXPERIÊNCIA APLICADAS NA PRÁTICA DE ENSINO COMO ESTÍMULO A LEITURA	
<i>Thays Trindade Maier</i>	
CAPÍTULO 9	114
LETRAMENTO LITERÁRIO: INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS	
<i>Katharyni Martins Pontes</i>	
<i>Thaís Pereira Romano</i>	
<i>Rita de Nazareth Souza Bentes</i>	
CAPÍTULO 10	124
O IMPACTO DA DISCIPLINA “APRENDER A APRENDER LÍNGUAS ESTRANGEIRAS” NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS EM ANÁLISE	
<i>Myriam Crestiam Cunha</i>	
<i>Walkyria Magno e Silva</i>	

CAPÍTULO 11	139
AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A ÓTICA DOS BOLSISTAS	
<i>Adriane do Socorro Miranda</i> <i>Polyana Cunha Campos</i>	
CAPÍTULO 12	150
A RELEVÂNCIA DOS FATORES SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DO AFÁSICO	
<i>Larissa Rizzon da Silva</i>	
CAPÍTULO 13	159
DISCURSO E SUSTENTABILIDADE NO AUTO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO	
<i>Joaquim de Oliveira Gomes</i>	
CAPÍTULO 14	169
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO IMAGINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO	
<i>Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset</i>	
CAPÍTULO 15	184
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: SENTIDOS DO DIGITAL	
<i>Katia Cristina Schuhmann Zilio</i>	
CAPÍTULO 16	198
DAS PÁGINAS LITERÁRIAS À EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA:UMA VIAGEM N'O CARRO DOS MILAGRES DE BENEDICTO MONTEIRO	
<i>Priscila Ferreira Bentes</i>	
CAPÍTULO 17	208
DA CAMÉLIA AO MANDACARU: RELEITURAS DO PERFIL DE UMA CORTESÃ	
<i>Margarida da Silveira Corsi</i> <i>Gilmei Francisco Fleck</i>	
CAPÍTULO 18	227
A URBANIDADE POÉTICA DE BRUNO DE MENEZES EM “BELÉM E O SEU POEMA”	
<i>Edvaldo Santos Pereira</i> <i>Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR	233

A URBANIDADE POÉTICA DE BRUNO DE MENEZES EM “BELÉM E O SEU POEMA”

Edvaldo Santos Pereira

Universidade Federal do Pará-PPGL
Belém-Pará

Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões

Universidade Federal do Pará-PPGL
Belém-Pará

RESUMO: Sob a premissa de que a poesia nomeia o nosso ambiente de vida e os objetos que nele se encontram, proposta por Alfredo Bosi (2013), este trabalho está voltado à focalização do espaço urbano como fonte de inspiração poética, pela análise de parte do poema *Belém e o seu poema*, do poeta paraense Bruno de Menezes, direcionada ao Jurunas, um bairro da cidade de Belém, que tem suas peculiaridades realçadas, segundo visão do poeta. Nosso objetivo é uma reelaboração das imagens criadas no poema, com base na demonstração do cotidiano do bairro, no início dos anos sessenta do século XX. Essas imagens surgem como produto de uma descrição, na qual as palavras adquirem cores e brilho, construindo no poema um potencial artístico, combinado de forma harmônica, que põe à mostra a rotina de um tempo passado do bairro. Nesse aspecto, a expressão lírica surge de um olhar objetivo e sensível, direcionado às cenas urbanas, nas quais o cotidiano é recriado em versos, com a representação da performance da vivência de

sujeitos anônimos, transformada em registros de memória, que agregam elementos de uma problemática social.

PALAVRAS-CHAVE: espaço urbano; memória; construção poética

INTRODUÇÃO

Com base na afirmação de Alfredo Bosi (2013), de que a poesia é uma forma de nomear o nosso ambiente de vida e os objetos nele encontrados, o trabalho aqui apresentado foi feito a partir da análise de parte do poema “Belém e o seu poema”, do poeta paraense Bruno de Menezes, que retrata o bairro Jurunas, em Belém.

De toda sua obra, Bruno de Menezes dedicou-se mais à criação poética, expressando em seus versos os sentimentos e ideais do povo. Iniciou sob a influência do Simbolismo e do Parnasianismo, mas foi no Modernismo, com uma linguagem simples e abordagem de temas do cotidiano, que encontrou o caminho para poemas retratadores da vida de sua cidade.

Sem um direcionamento aos elementos estéticos apresentados no poema, a análise proposta detém-se, sobretudo, aos aspectos urbanos do ambiente retratado, ao confronto entre passado e presente diante

das modificações decorrente do processo de urbanização, da memória acerca de personalidades que ali viveram, além de situações vivenciadas no cotidiano do bairro no início da década de sessenta do século XX.

Em forma de passeio, o espaço urbano é apresentado com especificação de duas áreas distintas. Na primeira, relacionada ao centro da cidade, há referências a espaços e monumentos localizados no bairro da Cidade Velha e no bairro da Campina, embora não haja alguma alusão a esses bairros. A segunda é direcionada ao Jurunas, um bairro da cidade de Belém, situado próximo ao centro, que tem suas peculiaridades realçadas em uma reelaboração de imagens do cotidiano, focalizadas sob a ótica do poeta.

O bairro Jurunas, local de nascimento do poeta e onde viveu toda a infância, ficando ali até a juventude, está presente em muitos de seus poemas, que retratam a memória de como era o bairro desde o início do século.

Essa composição é parte de uma obra inconclusa, que poderia ser estendida a outros espaços da cidade, mas foi finalizada em decorrência da morte do poeta, no dia 02 de julho de 1963.

Mesmo sem fazer referências ao espaço apresentado na primeira parte do poema, a limitação de uma área pode ser reconhecida como pertencente ao centro da cidade em virtude das referências a logradouros e monumentos localizados na “Cidade Velha”, expressão utilizada não para identificar o primeiro bairro, mas a parte mais antiga, onde foi fundada a cidade.

PRIMEIRA PARTE DO POEMA

Para melhor compreensão da análise sobre o trecho a que se destina esta análise, é pertinente tomar, de início, o poema como um todo, que nos dois primeiros versos: “Agora/vamos entrar na sala do Mundo Verde”, denotam a ideia de um passeio pela cidade, sob a condução do poeta como um guia a nos levar por uma Belém tratada metaforicamente de “sala da Amazônia”; essa referência nada mais é do que o título dado à cidade ainda nos tempos coloniais, em decorrência da localização geográfica, passando a ser reconhecida como a porta de entrada da Amazônia, região também identificada como mundo verde.

Ainda na primeira parte do poema há uma estrofe com referências ao Jurunas, como um bairro de má fama, localizado nas baixadas da beira do rio Guamá, marcado pelas condições precárias de uma população pobre; *boiado* em áreas de várzea, inundadas “pelas enchentes de águas vivas”. Nessa mesma estrofe, é realçado também o jeito do povo de equilibrar-se ao “caminhar sobre estivas e tabuados” que serviam de “caminhos para as suas palhoças”. Isso denota as características de um bairro pobre, localizado em áreas alagadas, como tantos outros bairros de Belém, uma cidade plana, com pouca elevação do nível do mar.

SEGUNDA PARTE DO POEMA

Concluído o passeio pelo centro, inicia-se a segunda parte, destacada da primeira com asteriscos. É marcada pela referência ao começo de uma nova caminhada, desta vez, adentrando o bairro Jurunas, havendo essa indicação nos dois versos, evidenciando um novo passeio: “Depois dessas andanças,/sigamos pelo asfalto evaporante”. Ao enfatizar o calor decorrente de uma pavimentação que chegava ao bairro, percebe-se a mudança em relação ao centro, com suas ruas bem arborizadas.

A caminhada começa pela Travessa do Jurunas, principal rua do bairro, assim denominada naquela época, transformada hoje na Avenida Roberto Camelier. Embora já pavimentada com o “asfalto evaporante”, característica das demais ruas do centro da cidade, é diferenciada das outras avenidas por uma arborização singular, como denota o verso, com a presença dos “verdes tamarineiros despenteados”, que se distinguem das “ditosas mangueiras”, mencionadas na primeira parte do poema, especificadas como árvores de copas bem arrumadas. Essa forma de demonstrar uma arborização, que não segue os padrões das árvores do centro da cidade, denota a ideia de um bairro também diferenciado, marcado por uma imagem negativa, já mencionada na primeira parte do poema como um bairro “falado”.

Mais adiante, chega-se ao mercado municipal. Ao mencionar as dificuldades de abastecimento da época, o poema traz uma analogia à abundância de mulheres mestiças, que frequentam o mercado, caracterizadas como “cabrochas, pretiocas e curibocas”, que estão mais preocupadas com a “namoricagem” do que com a falta de produtos nas vendas. As três referências às mulheres do bairro destacam a predominância do negro, representado pelas pretiocas, sendo as cabrochas a representação do mulato, produto da fusão entre branco e negro; e as curibocas, também denominadas caboclas, originadas da mistura entre branco e índio.

Ao continuar a caminhada, surgem as referências da estrutura de um bairro semelhante a tantos outros, com um posto policial, geralmente próximo ao mercado, mercearias sempre identificadas com alguma alusão ao dono, como o português conhecido pela alcunha de “Macaco Branco”.

Mais adiante encontra-se uma igreja católica, dirigida pelo padre Serra, que além da preocupação religiosa, exerce uma função social, oferecendo assistência a muitas pessoas carentes, sobretudo às mães solteiras como a “Bereca”, personagens bastante comuns no bairro.

A memória do médico Camilo Salgado, não apenas reconhecido no bairro, mas cultuado em toda a cidade como santo milagroso, está presente no poema com a menção ao Grupo Escolar que também tem seu nome. Em seguida, a referência ao Posto Médico e ao Lactário da Saúde, instituições igualmente presentes em outros bairros, demonstra a configuração de um local que já adquiriu aspectos de uma urbanização característica de toda cidade.

Na estrofe seguinte, o lazer aparece em destaque, proporcionado pelo Clube São Domingos, o clube mais antigo bairro, fundado em 1915 e, sobretudo, pela Rádio Clube do Pará, a primeira emissora de rádio da Amazônia, e quinta do Brasil, fundada com o nome de PRC5, em 1928. Sua sede própria foi construída no Jurunas, em 1937, ficando no bairro até 1954. Na “Aldeia do Rádio”, espaço onde foram construídos vários auditórios, eram feitas programações abertas ao público, proporcionando o encontro entre as famílias, para verem seus parentes se apresentarem. Há também menção a Roberto Camelier, um dos idealizadores e fundadores da PRC5, e nome atual da principal avenida do bairro.

Há uma estrofe de exaltação ao livre modo de vida dos filhos dos afrodescendentes, representantes de uma grande parcela da população do bairro, que faziam o jogo do bicho riscado nas calçadas, como forma de camuflar essa prática proibida na época.

Com saudosismo, é exaltada a valentia do boi-bumbá “Pai do Campo” e de capoeiras famosos como o “Pé de Bola”, personagens que marcaram a história do bairro, ainda vivos na memória do poeta. O tom melancólico denota, pelas referências ao passado, a reminiscência de algo perdido no tempo, ocupado pelas modificações trazidas pela modernidade, restando apenas a lembrança.

Encontramos também referências ao processo de urbanização pelo qual passava Belém, uma novidade que chegou ao bairro trazendo mudanças significativas, como asfaltamento de ruas antes alagadas. É ainda referido, de forma irônica, o serviço precário de transportes coletivos prestado pela viação Moraes e seus ônibus “mais ou menos”, uma empresa em condições desfavoráveis diante daquelas que mantinham linhas nos bairros do centro da cidade.

É ressaltada também a circulação, pela imprensa, de casos de desordens, muito comuns no bairro, que vão de encontro ao novo modelo buscado pela sociedade, na tentativa de firmar-se em outros princípios. Essa condição reforça a ideia de um bairro de má fama, já mencionada na primeira parte do poema.

Na penúltima estrofe, há uma contraposição entre a imagem negativa do bairro, divulgada pela imprensa escrita, e a presença da Escola de Samba “Não posso me amofiná”, a agremiação carnavalesca mais antiga de Belém, e uma das mais antigas do Brasil, ainda em atividade. Essa escola é um símbolo de renome, que se sobrepõe à má fama do bairro, representando uma forma de contágio benéfico e recompensa, não só ao Jurunas, mas a toda a cidade, pelo envolvimento do povo com a cadência de sua batucada e pelo gingado de suas sambistas.

Por fim, a mistura entre o novo e o tradicional é evidenciada com as vendas de açai e de tacacá, que passam a ocupar espaço nesse processo. Porém, surgem também as contradições marcadas por aqueles que continuam à margem dessa mudança pela qual passa a cidade, sem seguir os modelos externos de desenvolvimento, comprimindo-se em espaços alagados da beira do rio, local onde ainda se vê as casas simples dos primitivos habitantes do bairro, firmadas em palafitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da relação entre o presente, caracterizado pelo momento de criação, e o passado, revisitado pela memória do poeta, surgem as imagens transcritas em versos, transformados em registros do processo histórico pelo qual passou o bairro onde ele nasceu e, ainda depois de mudar para o centro da cidade, conservou os laços afetivos, não só com o espaço, mas também com os personagens mencionados no poema.

Num breve passeio, o passado chega ao presente, numa demonstração de certa intimidade com aquilo que é retratado. Em seu relato, apesar de feito com a autoridade de um conhecimento etnográfico das ruas do bairro, é possível perceber a representação da identidade fragmentada do sujeito contemporâneo, como afirma Stuart Hall que, ao refletir sobre a questão da identidade cultural na pós-modernidade, discutida sob a ótica da teoria social, reconhece haver em nós “identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2015, p.12). Assim, a recriação do espaço no poema transita num tempo que não é único e, conseqüentemente, existem mudanças sofridas num lugar que não é o mesmo, diante dos olhos de um sujeito que também não é o mesmo.

Sob esse ponto de vista, o espaço apresentado no poema leva-nos à compreensão de que a identidade única é fantasiosa, visto que “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas” (HALL, 2015, p.12).

Embora as mudanças de identidade ocorram continuamente, permanecem salvaguardadas suas riquezas naturais e culturais, pois “a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 54). Esse grupo, representado no poema pelo povo do bairro, apesar das mudanças de uma urbanização trazida pela modernidade, ainda se mantém com hábitos que ultrapassaram o tempo.

As possíveis identidades, mencionadas por Stuart Hall, estão representadas no texto pela tomada do espaço como fonte de inspiração para a criação poética, que eleva o pensamento do leitor a diversas situações vivenciadas em tempos diversos por quem, embora num tempo presente, carrega consigo o sujeito do passado, e ao caminhar, não se detém apenas a descrever, mas também consegue voltar ao passado e trazer muitas lembranças ao presente, apresentando as personagens que dão vida ao bairro e, conseqüentemente, ao poema.

Na criação poética de Bruno de Menezes, a memória, trazida pelas imagens retratadas, evidencia a expressão de traços de uma formação cultural mestiça na Amazônia. Os recursos linguísticos utilizados pelo poeta, como forma de ilustração de experiências comuns, demonstram a sensibilidade da percepção captada em minúcias,

e trazem detalhes de ações de origem diversa, que ocorrem simultaneamente.

Portanto, ao observarmos o poema, percebemos que as imagens pretéritas surgem como produto de uma descrição, na qual as palavras adquirem cores e brilho, construindo um potencial artístico, combinado de forma harmônica, pondo à mostra o que hoje pode ser visto como a memória da rotina de um tempo vivido no bairro. Nesse aspecto, a expressão lírica nasce de um olhar objetivo e sensível, direcionado às cenas urbanas, nas quais o cotidiano é recriado em versos, com a representação da performance da vivência de sujeitos anônimos, transformada em registros que agregam elementos de uma problemática social.

Assim, ao longo desse percurso pelo bairro Jurunas, e todos os aspectos apontados, o poema é uma demonstração de recriação do cotidiano, na qual há uma intersecção entre passado e presente, numa aproximação da afirmação de Bosi de que a poesia “nomeia o mundo de objetos que nos rodeiam e constituem nosso espaço de vida, balizas do itinerário cotidiano” (2013, p. 18).

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. – São Paulo: Editora 34, 2013 (1ª ed.).

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. Trad. Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MENEZES, Bruno de. **Obras Completas** – vol. I. – Belém-Pará: Secretaria Estadual de Cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993.

SOBRE O ORGANIZADOR

Ivan Vale de Sousa Mestre em Letras pelo Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Docência da Língua Inglesa pela AVM Faculdade Integrada. Licenciado em Letras: Português/ Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS). Licenciado em Teatro pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor efetivo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Horizonte em Parauapebas, sudeste do Pará.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-12-3



9 788585 107123